

MATA OU FLORESTA?



Foto: Pedro Lima

Fernando Costa Straube

Mata ou floresta atlântica? Mata ou floresta de araucária? Esse é, sem dúvida, um impasse freqüente para os biólogos e demais profissionais da área quando se expressam nos textos que cotidianamente produzem. Não obstante a dúvida seja julgada relevante por alguns e secundária por outros, poucos foram em busca das origens de ambos os vocábulos, muito menos de seus significados, nos mais básicos dicionários de língua portuguesa.

Tudo parece ter começado com a clássica explicação do prof. Ralph Hertel:

"A vegetação brasileira absolutamente não conhece a mata, falando em termos técnicos da botânica. É particularidade interessante lembrar a origem gótica do termo, cuja forma original é maitan. Esta origem explica também o conceito limitativo quanto ao número de espécies: uma ou poucas. Aí está a mais clara diferença entre a mata e a selva ou floresta, cujas árvores são pertencentes a grande número de espécies" (Hertel, 1969).

A partir daí, os que leram - e os que contaram que leram (e os que contaram que escutaram) - passaram a usar o termo "mata" com reservas, uma vez que seria tão-somente aplicável a certas vegetações do Velho Mundo, nas quais dominaria uma ou algumas poucas espécies de árvores. A "floresta" passou a reinar soberana, inclusive porque a "selva" era algo temível, cheia de perigos e sem o toque romântico de seu sinônimo úmido, escuro e protegido, carregando a metáfora do útero materno.

Passaram-se vários anos para que eu pudesse localizar a provável fonte dessa afirmação, para ter - enfim - uma explicação mais razoável de definições, bem como do significado prático e mesmo dos desdobramentos que pôde gerar. Trata-se de um artigo de Francisco Assis Cintra, publicado em 1920 na Revista do Brasil, cujo fragmento encontra-se aqui transcrito:

"... 4) Matto e matta ou mato e mata?"

Mato e mata originam-se do germanico. No fallar dos godos havia o vocabulo mait que significava cousa inculta, espessa, basta. A um fogo de chammas largas, movediças, altas, diziam os godos e visigodos: brasmaid. Quando queriam exprimir a acção de enredar, diziam - maiten (appondo o suffixo verbal en). Para exprimir o contrario, isto é, desbistar, diziam - maitan (appondo o suffixo verbal privativo an).

Assim, tanto mato como mata apenas tem um t, porque se derivam do gothico mait, observando-se a queda do i medio pela syncope e o acrescimo da terminação substantiva o, a.

mat = mat + o = mato

gothico - mait <

mat = mat + a = mata

No latim barbaro já se encontra, de proveniencia gothica, a palavra escripta com um só t, como se poderá verificar no vol.I, pg.374, da Portugaliae Monumenta Historica, numa doação de Affonso Henriques: - "et intra in illa aqua ladeia usque iso illo ulmar et fert in mata furata (Cintra, 1920)."

Me parece, salvo eu esteja enganado por ter subestimado outras fontes, que Hertel tomou essa pequena citação como fonte para seu fragmento conceitual. Teria o saudoso mestre lido o artigo e concluído: o termo mata provém das vegetações européias, onde predominam poucas espécies e, portanto, não poderia ser aplicado às nossas luxuriantes e diversificadas vegetações arbóreas dos neotrópicos.

Apesar de uma busca pelo verbete ser necessária, foi impossível encontrar uma explicação para esse até então inabalável conceito, mesmo nos mais afamados léxicos góticos, buscando sob *maitan* e seus prováveis cognatos. Também entre línguas próximas, como o alemão, o holandês, o dinamarquês e outras - que pela lógica

poderiam ter recebido a influência lingüística - não foi possível encontrar nenhuma semelhança com outros vocábulos.

Graças à intervenção do pesquisador Francisc Czobor (Romênia)¹, um grande estudioso autodidata da língua gótica, é que se abriu um caminho mais plausível. De fato, não há um substantivo *maitan* no gótico (*vide* Heyne's Gothic Dictionary, 1896; Streitberg, 1910; Wright, 1910, Köbler, 1989; Tunstall, 2004), muito menos há - com ele - qualquer relação com floresta, naquela língua grafada como *wald*, *waldus* ou *widus* (essas últimas reconstruídas, com base em diversas fontes). A palavra gótica mais próxima seria *mait*, um substantivo que significa "corte"; *maitan* é o verbo, que significa cortar (com machado) (equivale aos verbos ingleses *to cut* ou, melhor ainda, *to hew*). Nesse sentido, a reconstrução autêntica para o vocábulo "mata" (desde que efetivamente oriundo do gótico) seria: "cortar floresta (ou mata)" ou, ainda, "floresta (ou mata) apropriada para o corte".

Adicionalmente, "mata" é amplamente usada em outras línguas, como o português e o espanhol, mas não parece nada aceitável que tenha origem direta do gótico e sim dele pelo latim. De fato, segundo o mais completo dicionário da língua portuguesa (Houaiss & Villar, 2001), "mata" provém do latim tardio *mata,ae* 'esteira de junco'; porção de plantas que cobre certa porção de terreno', cujo vocativo já era usado desde o século 6 na Península Ibérica. Isso explicaria os porquês de tamanha consagração não apenas em Portugal e Espanha, mas também no Novo Mundo, por falantes do português do Brasil e dos vários castelhanos da América do Sul.

Bastante curioso, porém nada inexplicável, é a forma como - em guarani - os paraguaios denominam o vocábulo genérico "árvore": *yvyra mata*, que pode ser um mero efeito do *jopara*, por absorção de uma palavra de origem espanhola (sobre a etimologia *vide* Straube (2000:76). Não à toa, a origem do vocábulo "madeira" é a mesma de "matéria" (do latim *materia, ae* segundo Ferreira, 1991), todos esses aparentados com "mata" e, especialmente, com o elemento de composição por anteposição "matr-" o qual, aliás, gerou "mãe", "materno" e outros, como "matriz": "árvore que deita rebentos; mãe, tronco, origem..." (sugerimos enfaticamente a consulta ao verbete: "matr-" em Houaiss & Villar, 2001, p.1869).

Ainda segundo Houaiss & Villar (2001), temos definições generalistas e nada precisas para "mata": "1. área coberta de plantas silvestres de portes diversos 2. m[esmo] q[ue] FLORESTA ('conjunto de árvores') <a m. atlântica> 3. quantidade de árvores de mesma espécie <m. de araucárias>; mas outras suficientemente elucidativas, como no verbete "Floresta": "...1 denso conjunto de árvores que cobrem vasta extensão de terra; mata".

Dessa forma, não obstante exista um julgamento prévio, algo difundido nos meios técnicos, parece óbvio que esse vocábulo nada mais é do que um sinônimo de floresta. Exatamente uma década antes do texto de Hertel, o também botânico João Angely (1959) já dava o veredito: "Mata - a) Grande extensão de terreno em que crescem árvores silvestres. b) O conjunto do arvoredo que cobre êsse terreno. c) Árvore ou arbusto. Sin. Arboreto. - Unheira. - Bosque. - Selva. - Vinheiro. (R.G. do Sul).(Angely, 1969)". Para o verbete "Floresta", além de tópicos repetidos, dá como sinônimo: "c) Mata".

Cabe ressaltar que essas posições em nada diferem daquelas apresentadas no igualmente consagrado dicionário Aurélio (Ferreira, 1986) que, além de apresentar o vocábulo mata como sinônimo de floresta, ainda fornece uma outra alternativa, agora

¹ A quem sou grato, bem como à amiga Maria Tereza de Queiroz Piacentini, pela atenta revisão.

estranha: "3. Grande quantidade de árvores da mesma espécie: *mata de eucaliptos* (*sic!*)".

Desta forma, o vocábulo mata parece não ter quaisquer relações com o tipo vegetacional, quantidade de espécies arbóreas e tampouco com uma pretensão de confinamento ao Velho Mundo. Seu significado, pelo contrário, tem mais relação com o ato de "cortar com machado", ou seja, desmatar.

Prosseguindo, consideramos forçoso lembrar que não apenas o termo mata apresenta, em sua história, variados tópicos de dinamismo lingüístico. Segundo Houaiss (2001), o termo floresta vem do francês antigo *forest* (1121) "vasta extensão de terreno povoado de árvores", hoje *forêt*, do baixo latim *forestis* (bosque) externo, provavelmente com influência de flor.

Já com base no dicionário etimológico *Etymonline*, a datação mais distante é de 1297 para: "*extensive tree-covered district*" especialmente nos locais destinados para a caça por parte dos nobres e, desta forma, sujeita à proteção real da corte francesa. Não por coincidência, outra conotação indicada refere-se ao latim *forum*, no sentido de lei (ou proteção legal) que, em outras palavras, indicaria: terreno sujeito a interdição, por possuir espécies que deveriam ser protegidas e sendo apenas aceitáveis como elementos cingéticos exclusivos da realeza (Harper, 2001).

De fato, em diversas línguas as formas assemelhadas do vocábulo floresta (porém sem a aludida influência de "flor" do português) mantiveram a grafia, tal como observado no espanhol (*foresta*), inglês (*forest*), francês (*forêt*) e no italiano (*foresta*).

Assim, não há um porquê para evitar o uso de um termo em detrimento do outro. Da mesma forma, forcemos-nos a visitar o verbete "selva" que, segundo Houaiss (2001), é "1. lugar naturalmente arborizado, floresta, bosque, mata", com a origem: "latim *silva* ou *sylva,ae* 'floresta, selva, mata', por via vulgar". Note-se que as obras mais adotadas atualmente para a classificação da vegetação brasileira (Veloso *et al.*, 1991; IBGE, 1992) fazem o mesmo: "Floresta: termo semelhante à mata no sentido popular...".

É óbvio que opiniões mais técnicas - no campo da botânica - podem concluir pela necessidade de uma padronização. Entretanto, isso ainda está longe de ser conseguido. E, de qualquer forma, isso teria valor inferior ao da língua portuguesa utilizada em todo o Brasil, mantendo-se restrito aos círculos acadêmicos e, portanto, como uma obrigação temerária, visto a consagração popular dos sinônimos mata, selva e floresta.

Já que comecei, também finalizo este pequeno ensaio com as palavras do próprio prof. Hertel, com as quais concordo plenamente, mas agora com tom provocativo:

"Este fato é de importância tanto maior, quanto mais se fala em 'reflorestamento', mas se pensando, exclusivamente, em 'plantar' pinheiros ou Pinus. Quem isso realizar, estará procedendo a uma 'plantação', mas jamais poderá pretender ter realizado um reflorestamento..." (Hertel, 1969).

Sem dúvida, essa sim é matéria-prima para outras discussões de ordem etimológica e conceitual, inclusive contrapondo-se a outras sugestões recentemente apresentadas (*cf.* Daniel *et al.*, 1999).

REFERÊNCIAS

- Angely, J. 1959. **Dicionário de botânica**. Curitiba, Instituto Paranaense de Botânica. 403 pp.
- Cintra, F.A. 1920. Estudos da língua portuguesa. **Revista do Brasil** 13(52): 338-343.
- Daniel, O.; Couto, L.; Garcia, R. e Passos, C.A.M. 1999. Proposta para a padronização da terminologia empregada em sistemas agroflorestais no Brasil. **Revista Árvore** 23(3):367-370.
- Ferreira, A.B. de H. 1986. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2ª edição. 1838 pp.
- Ferreira, A.G. 1991. **Dicionário de latim-português**. Porto, Porto Editora. 1240 pp.
- Haper, D. 2001. **Online Etymology Dictionary**. Disponível on line em URL: <http://www.etymonline.com>; acessada em 10 de julho de 2005.
- Hertel, R.J.G. 1969. Aspectos interessantes da vegetação do Paraná. *In*: F.El-Khatib (ed.). **História do Paraná**, volume 2, p. 131-241.
- Houaiss, A. e Villar, M.S. 2001. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed.Objetiva. 2922 pp.
- Heyne's Gothic Dictionary. 1896. **Bibliothek der ältesten deutschen Litteratur - Denkmäler**. Band I: Ulfilas oder die uns erhaltenen Denkmäler der gotischen Sprache. Paderborn, F.Schöningh. Disponível on-line em URL: http://www.ling.upenn.edu/~kurisuto/germanic/goth_heyne_about.html. Acessado em 10 de julho de 2005; atualizado em 2003.
- IBGE. 1991. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro, IBGE. Manuais técnicos em Geociências nº 1, 91 pp.
- Köbler, J. 1989. **Gotisches Wörterbuch**. 2ª ed. Disponível online em URL: <http://homepage.uibk.ac.at/homepage/c303/c30310/gotwbhin.html>; acessada em 14 de julho de 2005.
- Straube, F.C. 2000. Dois ensaios sobre a etimologia do topônimo Curitiba. **Bol. Inst. Hist. Geogr.Parana** 51:61-89.
- Streitberg, W. 1910. **Die gotische Bibel**. Zweiter Teil: Gotisch-griechisch-deutscher Wörterbuch. Heidelberg, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung. Germanische Bibliothek, 2. Abteilung, 3. Band. Disponível on -line URL: <http://www.wulfila.be/lib/streitberg/1910/>. Acessada em 10 de julho de 2005.
- Tunstall, P. 2004. **English-Gothic Dictionary**. Disponível on-line em URL: <http://www.oe.eclipse.co.uk/nom/egdhome.html> Versão 1.7. Acessado em 10 de julho de 2005; atualizado em 2004.
- Veloso, H.P.; Rangel-Filho, A.L.R. & Lima, J.C.A. 1991. **Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal**. Rio de Janeiro, IBGE. 123 pp.
- Wright, J. 1910. **Grammar of the gothic language**. Disponível online em URL: http://www.geocities.com/velikovski_project/Gothic.htm; acessada em 11 de julho de 2005.

FERNANDO C.STRAUBE: ornitólogo filiado à Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais e ao Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos/CBRO.